

VELHICE E INFÂNCIA NAS ESTÓRIAS DE MIA COUTO: UM DIÁLOGO DE AFETO E CUMPLICIDADE

Moama Lorena de Lacerda Marques
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Universidade
Federal da Paraíba

1. A narrativa coutiana: uma introdução

Autor de premiados romances e diversos contos e crônicas, Mia Couto lançou seu primeiro livro na década de 80 (1983, mais precisamente): *Raíz de Orvalho*. Mesmo não sendo, ainda, do gênero que o iria consagrar, o romance, as poesias publicadas nesse livro foram um exercício de criação importante para a escrita dos trabalhos futuros e é interessante ressaltar que a poesia sempre está presente em sua literatura, uma espécie de prosa-poética que é um dos seus trunfos.

Em entrevista, o autor nos conta que é a realidade que pretende revelar “uma realidade que só pode ser contada através de certo sentido mágico e de certa **transgressão de fronteiras**, entre o verso e a prosa, a escrita e a oralidade”. (COUTO, 2002, grifo nosso). E essa “transgressão de fronteiras” de que fala o escritor caracteriza perfeitamente a sua literatura, os elementos que a constituem, desde os personagens até o espaço, passando, claro, pela linguagem. A começar por esta, se apropria, como a grande parte dos escritores africanos, da língua do colonizador, no caso, o Português, porém, sempre a reinventando, à maneira de Guimarães Rosa, através de criações lexicais de grande efeito poético, realizadas por meio dos mais diversos processos: derivação, composição, amálgama. Nas palavras de Lúcia Maria Barbosa (2006, p. 29), “é esse procedimento criativo e singular que faz de Mia Couto um escritor ao mesmo tempo regionalista e universal, particular ao mundo africano e lido no mundo inteiro”.

Uma das principais características da escrita de Mia Couto é a presença da oralidade. Aliás, o trânsito entre oralidade e escrita é o grande pilar sobre o qual se ergue toda a sua literatura - os romances, os poemas, os contos - e uma das justificativas que levam Maria Fernanda Afonso a apresentar Mia Couto como uma espécie de “*griot* dos tempos modernos”, “mestre de uma palavra em busca do legado africano” (AFONSO, 2004, p. 212). Vejamos:

A obra de Mia Couto faz ouvir as vozes narrativas dos contadores africanos, solicita a interpretação metafórica ou simbólica própria do conto e apresenta,

por vezes, um valor exemplar que a aproxima do texto oral. No entanto, ela implica um texto escrito com regras codificadas que a individualizam e a distinguem do conto tradicional (AFONSO, 2004, p. 216).

Nessa fronteira entre o conto tradicional e o conto moderno, entre oralidade e escrita, vemos emergir, em Mia Couto, ora das constantes epígrafes que inauguram os seus textos, ora do próprio corpo do texto, provérbios e ditos populares. Estes, às vezes, aparecem tal e qual são ditos pela boca do povo, dos antigos, outras vezes aparecem reinventados pela força criativa e transgressora de sua escrita. Segundo Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury (2008, p. 63): “Os provérbios, ditos, frases feitas atravessam os textos do escritor moçambicano. Reinventados, fornecendo chaves de leitura e promovendo diálogos com a tradição oral, transformam o narrador em contador de histórias”.

A tradição africana também vai estar revisitada, na obra de Mia Couto, pela presença dos velhos, que aparecem como anunciadores, guardadores do legado dessa tradição e muito têm o que compartilhar com os mais jovens, em especial as crianças, com quem conseguem estabelecer uma ponte de diálogo mais estreita do que com o universo dos adultos. São muitos os contos e romances de Mia Couto que mostram essa relação entre a velhice e a infância e a sua discussão se apresenta como foco deste trabalho.

2. Velhice e infância

A relação entre a velhice e a infância na narrativa coutiana vai aparecer, por exemplo, através das personagens Tuahir e Muidinga, de *Terra Sonâmbula*, que, embora não ligados por laços de parentesco, se encontram e se auxiliam no duro processo de sobrevivência diante dos sofrimentos causados pela guerra civil, ou Dito Mariano e seu neto, Marianinho, do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*; este, já crescido, retorna ao espaço de sua infância e pode, através do acontecimento da morte do avô, entrar novamente em contato com sua família, com o povo da sua ilha e, conseqüentemente, com toda uma tradição vinda à tona por meio desses contatos.

Além dos citados romances, há inúmeros contos que evidenciam a referida relação, instaurando uma tensão entre tradição e modernidade, até mesmo porque o contato dos velhos com o universo desta nem sempre se dá de forma harmônica. Muitas vezes, Mia Couto os coloca diante de situações e personagens que menosprezam e marginalizam a sua filiação à tradição. Lembremos, aqui, de três contos que ilustram essa nossa afirmação: “Sangue de avó,

manchando a alcatifa”, do livro *Cronicando*, “A avó, a cidade e o semáforo”, de *O fio das missangas*, e “A adivinha”, de *Na berma de nenhuma estrada e outros contos*.

O primeiro narra a história da avó Carolina, que, por causa dos perigos da guerra civil, vai morar com a filha, o genro e os netos na capital, Maputo. Se no interior ela bendizia a todos a generosidade dos filhos diante dos sofrimentos do povo em época de guerra, ao se deparar com o luxo no qual mergulhara a família, primeiro demonstra certo encantamento, depois uma desconfiança que se transforma, no fim, em revolta. Todos os objetos e sintomas da modernidade que parecem alegrar a vida da filha, do genro e dos netos, em especial a televisão, símbolo maior de tudo isso, no conto, acabam se mostrando como elementos que distanciam, cada vez mais, a família do legado da tradição. Ninguém dá atenção à avó Carolina, imersos que estão no universo da tv, ninguém quer ouvir as suas estórias, ao contrário, a menosprezam e chegam a considerá-la insana, principalmente a partir do momento em que, em um acesso de fúria, a avó quebra o referido aparelho.

Depois desse episódio, ela decide voltar para o interior, mas o sangue derramado ao limpar os cacos da sua revolta permanece, insistentemente, na alcatifa da sala. A presença da figura do feiticeiro, que, ironicamente, é chamado por aquela família afeita a todos os sintomas e objetos da modernidade para analisar, limpar a mancha de sangue, e o não apagamento desta no chão da sala mostram que a tradição se faz viva na sociedade moderna moçambicana, ainda que insistam em não enxergá-la, aceitá-la, atravessando, com vigor e persistência, a esteira da modernidade. O fim do conto ilustra bem tudo que estamos a comentar:

No entanto, ainda hoje uma mancha vermelha persiste na alcatifa. Tentaram lavar desconseguiram. Tentaram tirar os tapetes impossível. A mancha colara-se ao soalho com tal sofreguidão que só mesmo arrancando o chão. Chamaram o parecer do feiticeiro. O homem consultou o lugar, recolheu sombras. Enfim, se pronunciou. Disse que aquele sangue não terminava, crescia com os tempos, transitando de gota para o rio, de rio para oceano. Aquela mancha não podia, afinal, resultar de pessoa única. Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida (COUTO, 2002, p. 28)

A segunda história, “A avó, a cidade e o semáforo”, apresenta um retrato triste da tradição abocanhada pela força, tantas vezes imperativa e excludente, da modernidade. Nela, a avó Ndzima não confia os cuidados do neto, narrador do conto, às pessoas da cidade, pois,

bastante ligada à tradição, para ela cozinhar, arrumar as roupas, a cama, bem como outros afazeres, só devem ser realizados por pessoa próxima. Assim, quando o neto ganha do Ministério, por ser o melhor professor da zona rural, o prêmio de ir visitar a cidade grande, a velha senhora insiste em acompanhá-lo, para dele cuidar. Ao contrário do conto anterior, neste o neto demonstra maior amor e preocupação pela figura da avó; sentimentos estes, porém, que não conseguem evitar que, ao chegar à cidade, a velha senhora reconheça, com mais força, que, enquanto portadora da tradição, está cada vez mais só, inclusive na própria aldeia. Em certo momento, quando decide querer ficar de vez na cidade e se recusa a voltar para o interior com o neto, diz para este: “Lá, na aldeia, ainda estou mais sozinha”. A relação que se estabelece entre a avó Ndzima e a modernidade é representada através da ligação que ela sente pelas luzes do semáforo que encontra nas ruas da cidade. É perto delas que ela acaba instalando moradia, pois alega, em bilhete enviado ao neto, que o vermelho e o amarelo dessas luzes a fazem recordar a fogueira crepitando no quintal de sua casa na aldeia: “...agora, neto, durmo aqui perto do semáforo. Faz-me bem aquelas luzinhas, amarelas, vermelhas. Quando fecho os olhos até parece que escuto a fogueira, crepitando em nosso velho quintal” (COUTO, 2009, p.129).

Em síntese, o conto nos chama a atenção para a triste ameaça do apagar da tradição, que parece acontecer até mesmo nos lugares onde se supunha que ela ainda fosse forte. Por outro lado, é interessante perceber, nessa história, o fato de a velha senhora enxergar resquícios da tradição justamente no seio da cidade grande, o que nos leva a reconhecer o cruzamento, a tensão, ora harmônica, ora não, entre o legado da tradição e os objetos da modernidade.

Outro texto de Mia Couto que acaba sendo uma espécie de denúncia sobre o abandono da tradição, como nos lembra Maria Nazareth Fonseca (2003), em seu artigo acerca do velho e da velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa, é o romance *A varanda de Frangipani*, no qual, em decorrência da guerra civil que assola o país, muitos velhos são isolados em um asilo na Fortaleza de São Nicolau e têm suas vozes praticamente anuladas. Diante dos depoimentos que prestam em virtude do assassinato do diretor do lugar, o sentimento de quem os ouve é de desconfiança. Já não há uma crença nessas vozes representantes da ancestralidade e esses velhos são impedidos, inclusive, de praticar certos rituais.

Por fim, “A adivinha” é um dos diversos contos de Mia Couto fundamentados naquela relação foco do nosso trabalho: A relação, cheia de cumplicidade, entre velhice e infância. Mimirosa é uma criança que tem no contato com a avó, Ermelinda, o maior prazer de sua meninice. No entanto, pelo fato de a avó valorizar mais os conhecimentos adquiridos com a família e com a própria vida do que com a escola, os pais de Mimirosa procuram evitar seu contato com Ermelinda, mas não conseguem, pois a menina, sempre que pode, escapa dos afazeres da escola e corre para a casa da avó, onde brincam, sobretudo, de adivinha, o maior encantamento de Ermelinda, um jogo através do qual “ela aprendera o entendimento do mundo” (COUTO, 2001, p.156). Mimirosa parecia aprender e se divertir muito mais com a avó e seu jogo de adivinhações, que, no conto, é símbolo da tradição, do que com a escola e os pais, esteios da modernidade, que só demonstravam preocupação e atenção ao falar do futuro profissional da filha.

O que temos nos contos apresentados é uma tensão, um trânsito entre tradição e modernidade que é marca forte não apenas das narrativas do autor em questão, mas das sociedades africanas de uma forma geral. Em relação às figuras do velho e da criança, é importante ainda comentar que, em alguns contos de Mia Couto, o estado de velhice e infância chega mesmo a se alternar/confundir, como em “O rio das Quatro luzes”, do livro *O fio das missangas*, onde o avô, diante do estado de ‘alma velha’ do neto, ensina a este os encantamentos de ser criança; ou em “Balões dos meninos velhos”, do livro *Cronicando*, onde os anciões do asilo recebem brinquedos de Natal e voltam ao estado de infância.

Maria Nazareth Fonseca (2003) nos diz que a representação da velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa costuma fazer parte de um projeto maior de nacionalidade que tem na figura dos velhos uma espécie de guardador da cultura ancestral em África. Vejamos:

A partir das literaturas africanas de língua portuguesa e dos mecanismos por elas desenvolvidos para recuperar uma tradição que fora sufocada pelo colonialismo, é possível identificar uma acentuada tendência de se retomarem as representações do velho, o guardador da memória do povo, e com elas compreender peculiaridades da cultura ancestral, tal como se evidencia em projetos de nação e de nacionalidade, assumidos como plataforma das lutas pela independência, nos espaços africanos de língua portuguesa (FONSECA, 2003, p.63)

Além dos velhos, as crianças também vão figurar como personagens importantes e muito presentes nas obras de Mia Couto, assumindo, muitas vezes, como já comentamos, uma

forte ligação e diálogo com o universo dos mais velhos, estando, muito mais do que os adultos, abertos a conhecer, assimilar e perpetuar a tradição. Segundo Maria Fernanda Afonso:

Os contos estão povoados de velhos e de crianças. Mia Couto prende-se a estas personagens porque elas têm uma visão singular do real, atribuindo-lhe dimensões inesperadas. O ancião, depositário da memória da tribo e da sabedoria africana, lembrando os mitos fundadores, medita sobre questões que dizem respeito à dignidade humana. [...] O autor estabelece laços de profunda solidariedade entre os velhos e as crianças. Estas devem criar um mundo novo, fundado sobre os valores africanos que aprendem com os avós. [...] As crianças são os heróis de muitos contos, onde as várias cenas representadas e o discurso estão impregnados e uma poesia tocante. (AFONSO, 2004, p. 375-376)

Além dos contos e romances já citados, há um outro texto exemplar na representação da ligação e da solidariedade firmada entre velhos e crianças, é “O poente da bandeira”, do livro *Estórias Abensonhadas*. Nele, um menino cuja capacidade de sonhar só é ativada quando sangra, conta com a cumplicidade e a compreensão da avó, que, para despertar-lhe tal capacidade, o corta à faca: “Para sonhar o menino tinha que sangrar. A avó lhe cedia o jeito, habituada à lâmina como outras mães se acostumavam ao pente” (COUTO, 2009, p.75). O sangue do menino tem o poder de mostrar o futuro e a avó sente orgulho pelo neto ter uma espécie de ligação com o outro mundo, o de seus antepassados.

Essa mesma cumplicidade e amor entre a criança e os avós nós vamos encontrar em um conto já citado: “O rio das quatro luzes”, onde um menino, não enxergando alegrias na infância e sentindo a ausência dos pais, que se mostravam sempre distantes, deseja envelhecer prematuramente, apressar a morte. Pensava ele:

Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Porque nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviamos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta medida (COUTO, 2009, p. 112).

Diante da tristeza do neto e por amor a este, o avô lhe propõe uma troca: Como amava muita a vida e a morte já se aproximava, iria pedir a Deus para levar o neto em seu lugar e aconselhou que o menino, para driblar a espera, fosse se distraíndo com brincadeiras. Ao final, com a declaração do avô no momento de morte, constatamos que ele nunca

procedera ao combinado, sua intenção era, na verdade, fazer com que o neto pudesse mergulhar no estado de infância que lhe era de direito, o que, afinal, conseguiu, pois o menino, no contato com o avô, começou a descobrir as maravilhas de ser criança:

E ele lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço se criava, convertido em menino (COUTO, 2009, p. 113).

Além da forte relação entre o universo da velhice e o da infância, que ora analisamos, “O poente da bandeira” e “O rio das quatro luzes” nos apontam uma constante abordagem em relação às personagens infantis na obra de Mia Couto: para além do lugar idílico, propício ao sonho e à alegria, a infância é, também, prematuramente, um tempo corrompido pelos dissabores e violências do mundo, em especial as geradas pela guerra, palco, por exemplo, da infância “sonâmbula” de Muidinga, ou pelos arroubos de nacionalidade gerados no seio dela, como acontece com o menino de “O poente da bandeira”, só para citarmos textos já comentados. Neste conto, a violência toma proporções drásticas, ocasionando a morte da personagem, que é acusada por um soldado de não respeitar a bandeira que encontra pelo caminho e diante da qual põe-se a sonhar. Sem entender o motivo de tal violência, recebe vários golpes na cabeça, desferidos pela bota impiedosa do soldado. No entanto, como uma “vingança contra as injustiças praticadas pela vida” (COUTO, 2009, p. 77), a bandeira transforma-se em ave e a palmeira que lhe sustentava tomba em cima de seu algóz.

“O poente da bandeira” é um texto que representa bem a obra de que faz parte e que dá título ao presente tópico do nosso trabalho, *Estórias abensonhadas*, pois, ao mesmo tempo que não esconde a mágoa e a tristeza geradas pelos tempos de guerra, aponta para o germinar de uma semente de esperança, como fala o próprio Mia Couto a respeito da obra:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. (COUTO, 2009, p. 8)

3. Considerações finais

Ao longo das análises realizadas, pudemos observar a força da presença dos velhos e das crianças como personagens da narrativa coutiana, bem como a estreita relação de afeto e cumplicidade que os unem. Representando dois universos – o da tradição e o da modernidade - que estão sempre a se cruzar na literatura de Mia Couto, em sua leitura da nação moçambicana, os velhos e as crianças se destacam entre a vasta gama de personagens deslocadas e marginalizadas que ilustram os textos do escritor moçambicano, ao lado de outras também de grande relevância, a exemplo das mulheres.

Referências

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano: Escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

BARBOSA, L. M. A. Léxico e poética: contribuição para um 'ficionário' da obra de Mia Couto. *Versão Beta*, v. 1, p. 29-36, 2006.

COUTO, Mia. O estorinhador Mia Couto – a poética da diversidade. Entrevista (22 de abril de 2002). Madeira, Portugal: *Revista Brasil*. Entrevista concedida a Celina Martins.

_____. *Na berma de nenhuma estrada*. ed 4. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

_____. *Um rio chamado tempo uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Cronicando*. ed 8. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

_____. *Terra Sonâmbula*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

_____. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O velho e a velhice das literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas. In: Maria José Somerlate Barbosa (org.). *Passo e compasso nos ritmos do envelhecer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 (Coleção Memória das Letras, 17).

FONSECA, M. N. S. & CURY, M. Z. F. *Mia Couto: Espaços Ficcionalis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.